

Jornal do Professor

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DOS DOCENTES DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DE GOIÁS - ANO VIII - Nº 65 - MAIO DE 2020

EDITORIAL

Uma pandemia de asneiras

No fechamento desta edição, o Brasil já passava dos 100 mil casos de Covid-19 e se aproximava de oito mil mortes ao mesmo tempo em que o presidente da República seguia encorajando aglomerações e uma ruptura democrática, enquanto, simultaneamente, o Congresso Nacional continua sem agir frente aos disparates do nosso maior mandatário, porém agindo, insone, contra o servidor público e a favor do congelamento de salários, empobrecimento e retirada de direitos dos trabalhadores que atuam e se arriscam diariamente no combate à pandemia seja na retaguarda ou na linha de frente. Há, portanto, além do crescente contágio, a ameaça constante e crescente na figura de nossos próprios representantes que têm se tornado cada vez mais antidemocráticos e indiferentes ao sofrimento e às necessidades do próprio povo que os elegeram. Se nossos governantes não se mexem, cabe a nós agir e é isto que alunos, professores, servidores técnicos e o Adufg-Sindicato têm feito. Nesta edição, destacamos o papel fundamental da educação e dos educadores não apenas no combate ao novo vírus, mas frente à doença da ignorância, que ainda assola o País. Em nossa matéria principal, destacamos e enumeramos diversas ações tomadas na UFG, UFCAT e UFJ. Conversamos também com o economista Everton Rosa da FACE sobre como as medidas do governo vão no caminho contrário para sair da crise. Trazemos ainda uma reportagem sobre o novo Centro de Excelência em Inteligência Artificial da UFG e outra recordando e celebrando os 10 anos do Grupo Travessia. Boa leitura!

Redação: (62) 3202-1280
jornaldoprofessor.adufg@gmail.com

CORONAVÍRUS



Foto: Diogo Fleury

AÇÃO PARA COMBATER A INAÇÃO

Sindicato, docentes, alunos e técnicos trabalham juntos no combate à pandemia frente às derrapadas do Governo Federal

Páginas 8 e 9

TRAJETÓRIA:



Foto: Diogo Fleury

Professor Lázaro veio do interior de Minas Gerais e fundou o primeiro doutorado da UFG

Página 16

VACINAÇÃO



Foto: Diogo Fleury

Campanha do Adufg imunizou cerca de 500 docentes e suas famílias

Página 7

LUTA

Mesmo sem aglomerações, sindicato não deixa 1º de maio passar em branco

Página 6

UFJ E UFCAT

Reitores ponderam os desafios das novas universidades

Página 10

INOVAÇÃO

UFG cria Centro de Excelência em Inteligência Artificial

Página 12

prestação de contas

Outubro de 2019

1 Arrecadação, Rendimentos Financeiros e Outros		
1.1	Contribuição Filiações - Mensalidades	367.424,83
1.2	Ingressos, Eventos e Festas	9.550,00
1.3	Receita com Pró Labore Seguro de Vida	1.440,95
1.4	Receitas Financeiras	23.187,88
1.5	Outras Receitas	601,43
1.6	Resgate de aplicações financeiras	12.857,49
1.6.1	IRRF/IOF sobre Resgate de aplicações financeiras (-)	104,61
Total R\$		414.957,97

2 Custos e Despesas Operacionais		
2.1	Despesas com Pessoal	
2.1.1	Salários e Ordenados	151.492,49
2.1.2	Encargos Sociais	36.665,01
2.1.3	Seguro de Vida	794,71
2.1.4	Outras Despesas com Pessoal	2.172,84
2.1.5	Ginástica Laboral	649,00
2.1.6	Férias, 13º salário e Rescisões	7.781,33
2.1.7	PIS s/ Folha de Pagto.	869,50
Total R\$		200.424,88

2.2 Serviços Prestados por Terceiros		
2.2.1	Cessão de Uso de Software	2.242,30
2.2.2	Despesas com Correios	3.053,19
2.2.3	Energia Elétrica	5.746,53
2.2.4	Honorários Advocáticos	10.000,00
2.2.5	Honorários Contábeis	8.942,00
2.2.6	Locação de Equipamentos	400,00
2.2.7	Serviços Gráficos	7.583,00
2.2.8	Honorários de Auditoria	0,00
2.2.9	Tarifas Telefônicas e Internet	4.398,99
2.2.10	Hospedagem/manutenção/layout do site	438,07
2.2.11	Vigilância e Segurança	443,17
2.2.12	Comunicação/Rádio/TV/Jornal	600,00
2.2.13	Serviços de Informática	2.606,40
2.2.14	Outros Serviços de Terceiros	15.300,00
2.2.15	Água e Esgoto	1.027,71
Total R\$		62.781,36

2.3 Despesas Gerais		
2.3.1	Combustíveis e Lubrificantes	4.700,45
2.3.2	Despesas com Táxi	266,54
2.3.3	Despesas com Coral	2.954,49
2.3.4	Despesas com Grupo Travessia	257,85
2.3.5	Diárias de Viagens	10.751,10
2.3.6	Tarifas Bancárias	1.084,95
2.3.7	Lanches e Refeições	457,47
2.3.8	Quintart	5.139,05
2.3.9	Patrocínios e Doações	11.812,51
2.3.10	Manutenção de Veículos	140,00
2.3.11	Festa do Professor	20.635,04
2.3.12	Festa Final de Ano	0,00
2.3.13	Passagens Aéreas e Terrestres	2.954,03
2.3.14	Gêneros de Alimentação e Copa	1.719,46
2.3.15	Despesas com manutenção Sede Campestre	10.936,75
2.3.16	Hospedagens Hotéis	520,75
2.3.17	Material de expediente	1.088,80
2.3.18	Outras despesas diversas	2.232,97
2.3.19	Manutenção e Conservação	3.042,29
2.3.20	Homenagens e Condecorações	200,00
2.3.21	Despesas com Sede Adm. Jataí	2.551,45
2.3.22	Despesas com Sede Adm. Catalão	2.164,53
2.3.22	Despesas com cursos para aposentados	0,00
2.3.23	Cópias e autenticações	16,70
2.3.24	Sabadart/Festa do Professor Jataí	3.064,00
2.3.25	Evento "Mais Sindicato" - Catalão	0,00
2.3.26	Despesas com Manifestações	2.000,00
2.3.27	Encontro Nacional PROIFES-FEDERAÇÃO	0,00
2.3.28	Despesas com Espaço Saúde	957,83
2.3.29	Despesas com atividades do Espaço Cultural	1.300,01
2.3.30	Despesas com processos jurídicos	10.428,51
Total R\$		105.541,90

2.4 Despesas Tributárias		
2.4.1	IR sobre Folha de Pagto/Férias/Rescisões	3.687,65
2.4.2	Outras Despesas Tributárias	338,90
Total R\$		4.026,55

2.5 Repasse Fundo Social e Contribuições		
2.5.1	Repasse para C/C Fundo Social	0,00
2.5.2	CUT - Central Única dos Trabalhadores	0,00
2.5.3	Profes Federação	28.656,10
Total R\$		28.656,10

Total Geral dos Custos e Despesas Operacionais R\$		401.430,79
3	Resultado do exercício 10.2019 (1-2)	13.527,18

4 Atividades de Investimentos		
4.1	Imobilizado	
4.1.1	Construções e Edificações	21.942,75
4.1.2	Máquinas e Equipamentos	2.601,00
4.1.3	Veículos	0,00
4.1.4	Móveis e Utensílios	3.609,77
4.1.5	Computadores e Periféricos	0,00
4.1.6	Outras Imobilizações	3.180,13
Total R\$		31.333,65

4.2 Intangível		
4.2.1	Programas de Computador	0,00
4.2.2	Investimentos com Marcas e Patentes	0,00
Total R\$		0,00

4.3 Aplicações Financeiras		
4.3.1	Aplicação CDB	40,00
Total R\$		40,00

Total Geral dos Investimentos R\$		31.373,65
5	Resultado Geral do exercício 10.2019 (3-4)	-17.846,47

Os valores contidos nestes relatórios estão por Regime de Caixa. Regime de caixa é o regime contábil que apropria as receitas e despesas no período de seu recebimento ou pagamento, respectivamente, independentemente do momento em que são realizadas.



INFORME JURÍDICO

Informe de não chamamento da assembleia de formação da comissão eleitoral para eleição da Diretoria em face da pandemia do COVID-19

Medida foi tomada por causa do estado de calamidade pública causado pela pandemia do coronavírus

O Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás (Adufg-Sindicato) informa que, por conta do estado de calamidade pública no Brasil causado pela pandemia do coronavírus (Covid-19), alicerçado por diversos diplomas e entendimentos alinhados na íntegra do comunicado, não será convocada Assembleia Geral para escolha da comissão que coordenará o processo eleitoral da diretoria da entidade neste momento. A decisão foi tomada conforme o dever da própria diretoria que prevê, conforme estatuto, a defesa dos interesses da categoria, bem como defender condições adequadas para a excelência acadêmica dos docentes.

Conforme explicado no documento, há impedimentos sanitários e jurídicos - como a proibição de atividades associativas até o final de abril -, que não permitem cumprir as diretrizes previstas no Estatuto do Sindicato para a realização do pleito, que deveria se iniciar com a convocação de uma Assembleia Geral para a formação da comissão eleitoral até o dia 31 de março.

A convocação será realizada imediatamente após a crise com a pandemia da Covid-19 ser solucionada e também conforme revogação dos decretos em vigor. "Eis que não se colocará a vida de nenhum professor ou professora em risco", diz trecho do comunicado.

Para o presidente do Adufg-Sindicato, professor Flávio Alves da Silva, o momento exige o máximo de cuidado para evitar a propagação da Covid-19. "É preciso se levar em consideração que estamos passando por uma grande anormalidade que leva a medidas excepcionais. Esperamos retomar os procedimentos conforme estabelecido no estatuto assim que tivermos condições para retomada das atividades e as eleições possam transcorrer normalmente", explica.

23 ações em andamento

Defender os direitos e a carreira dos professores é a luta diária do Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás (Adufg-Sindicato). Prova disso são as diversas ações coletivas que a instituição trava na Justiça, sendo a maioria delas ganhas em primeiro ou segundo grau de jurisdição. "Temos tido bastante êxito em nosso trabalho, e o poder Judiciário tem concordado com as nossas teses", explica o assessor jurídico do Sindicato, Elias Menta. Para conferir o andamento das ações, acesse o site www.adufg.org.



19ª Diretoria Executiva
Sindicato dos Docentes das
Universidades Federais de Goiás

Flávio Alves da Silva
Diretor Presidente

Walmirton Tadeu D' Alessandro
Diretor Vice-Presidente
e de Comunicação

Veridiana Maria Brianezi D. de Moura
Diretora-Secretária

Daniel Christino
Diretor de Promoções Sociais,
Culturais e Científicas

João Batista de Deus
Diretor Administrativo

Geovana Reis
Diretora de Assuntos Educacionais,
de Carreira e do Magistério Superior

Thyago Carvalho Marques
Diretor Financeiro

Ana Christina de Andrade Kratz
Diretora de Convênios e de
Assuntos Jurídicos

Abraão Garcia Gomes
Diretor de Assuntos de
Aposentadoria e Pensão

Luis Antônio Serrão Contim
Diretor para Assuntos Interinstitucionais

Jornal do Professor

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DOS
DOCENTES DAS UNIVERSIDADES
FEDERAIS DE GOIÁS

ANO VIII - Nº 65

MAIO de 2020

Professor Juarez Ferraz de Maia
Idealizador do projeto

Cleomar Nogueira
Projeto gráfico original

Rafael Vaz
Editor responsável

José Abrão (JP 3331 GO)
Edição e reportagem

Luciana Porto (JP 3175 GO)
Reportagem

Revisão: Hélio Furtado do Amaral

Fotografias: Diogo Fleury

Diagramação: Thamires Vieira

Data de fechamento: 08/05/2020

Tiragem: 3.000 exemplares

Impressão: Stylo Gráfica
jornaldoprofessor.adufg@gmail.com

9ª Avenida, 193, Leste Vila Nova -
Goiânia - Goiás - (62) 3202-1280

Acompanhe nossas redes sociais:
@adufgsindicato

www.adufg.org.br



**Flávio Alves
da Silva***

Cortar ou congelar salários dos servidores públicos não é solução

No momento em que você lê este texto, milhares de servidores públicos, - especialmente os que trabalham em áreas, como saúde, educação ciência, pesquisa e segurança -, colocam suas vidas em segundo plano enquanto lutam bravamente no combate ao coronavírus. Seja na linha de frente do atendimento aos pacientes ou em outras áreas, todos eles tentam amenizar o sofrimento da população diante da pandemia.

A visão que algumas pessoas poderiam ter de que os serviços públicos não são tão necessários ou eficientes caiu totalmente por terra. A crise do coronavírus mostrou claramente o contrário. Neste sentido, causa estranheza saber que a classe política vem apresentando diversas propostas de enfrentamento das consequências da crise com o coronavírus colocando a responsabilidade nos servidores públicos.

Na maioria dos casos, as justificativas das lideranças políticas, principalmente do Governo Federal, é de que é preciso obter recursos para enfrentar a queda na arrecadação e ter recursos para investir no combate à pandemia. Mas não dá para entender qual o critério para escolher o funcionalismo para pagar a conta das consequências da crise.

Não dá para entender essa lógica. Afinal, os servidores já deram sua cota de contribuição na Reforma da Previdência, com o aumento da carga tributária que foram obrigados a suportar em decorrência das alíquotas progressivas de contribuição previdenciárias introduzidas pela EC 109/2019

Ao contrário do Brasil, governos de países do mundo todo têm anunciado políticas para garantir renda e dignidade para os trabalhadores como um todo. No nosso País, pelo contrário, os governantes ainda não cogitaram tributar a distribuição de lucros daqueles que ainda têm muito a lucrar, nem taxar as grandes fortunas que podem contribuir um pouco mais.

Em março, o ministro da Economia Paulo Guedes, sugeriu cortar salários dos servidores públicos dos três poderes. Isso é inaceitável. A redução remuneratória do servidor público, antes de ser uma violação constitucional, é a antítese dos fundamentos e objetivos principais essenciais do Estado Democrático brasileiro.

Vale destacar, ainda, que a única fonte de estabilidade na relação entre Estado e cidadão é a Constituição, a mesma que, em seu artigo 37, inciso XV, impede a redução dos rendimentos do servidor público. Desestruturar o Estado nesse momento de crise é a pior opção. Não há como falar em reduzir a remuneração dos que mais são

demandados para que a situação da saúde volte à normalidade.

Para evitar que a crise do coronavírus sirva de justificativa para prejudicar ainda mais os servidores públicos, é preciso mobilização. A união de todas as categorias é fundamental neste momento de ameaças. Será nos unindo que conseguiremos enfrentar essas situações.

Recentemente, graças aos esforços conjuntos de sindicatos, entidades representativas e dos professores como um todo conseguimos que a Câmara dos Deputados e Senado deixassem a categoria de fora do congelamento de salários que constava no Projeto de Lei Complementar (PLC) 39/2020, que trata do socorro financeiro a Estados e municípios durante a pandemia da Covid-19. Também foi retirada a proposta que

previa o congelamento das progressões e promoções.

Mesmo não havendo nenhuma previsão de aumento salarial para a categoria em 2020 e 2021, foi uma vitória importante. As progressões e promoções poderão ser feitas com efeitos financeiros. Vitória da educação, que também está na linha de frente no combate à pandemia e merece ser respeitada.

Cito como exemplo de mobilização as ações das centrais sindicais ligadas à educação. Nós, do Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás (Adufg-Sindicato), por exemplo, solicitamos, por meio de ofício, que todos os parlamentares ajudassem na retirada da categoria do congelamento. A matéria segue para sanção do presidente da República e, para que ele não vete, precisaremos nos mobilizar ainda mais.

Nunca foi tão importante valorizar os serviços públicos, bem como os próprios servidores e os trabalhadores de forma geral. Mas, infelizmente, o Brasil é o país onde o errado é o certo e o certo é o errado. Aqui, a corda sempre rompe para as camadas mais vulneráveis, ao passo que os grandes empresários são beneficiados.

Ao invés de cortar salários dos servidores, o Executivo e o Legislativo deveriam se debruçar sobre a possibilidade de revisão do teto de gastos, a suspensão do pagamento da rolagem da dívida pública e, como já dito neste texto, procurar alternativas para taxar as grandes fortunas e tributar os lucros de quem ainda não deu sua contribuição e tem muito a lucrar.

O momento exige que a atual gestão demonstre maturidade na tomada de decisões. Não dá para colocar a responsabilidade na conta dos mais fracos. Os servidores já dão sua contribuição diariamente. Agora, é preciso que os líderes políticos demonstrem coragem e criem estratégias que não piorem ainda mais a situação do País.

* Flávio Alves da Silva é presidente do Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás (Adufg), professor da UFG e doutor em Engenharia de Alimentos pela Unicamp.

“
Nunca foi tão importante valorizar os serviços públicos, bem como os próprios servidores e os trabalhadores de forma geral. Mas, infelizmente, o Brasil é o país onde o errado é o certo e o certo é o errado. Aqui, a corda sempre rompe para as camadas mais vulneráveis, ao passo que os grandes empresários são beneficiados.”



**Nelson Cardoso
Amaral***

Um ambiente acadêmico catastrófico para as Universidades Federais contido na MP 914

O grupo que assumiu o poder executivo federal em 2019 é composto de pessoas que defendem uma sociedade capitalista ultraneoliberal na economia e ultraconservador nos costumes e crê na existência de um “fantasma” ideológico de esquerda que dominou o país desde a posse de José Sarney na presidência, após o fim da ditadura militar, passando pelos governos Collor, FHC, Lula, Dilma e Temer.

Acreditando que esta é uma verdade, este grupo assumiu que o seu papel é o de “desconstruir” tudo que foi feito neste período para, só depois, “começarmos a fazer” algumas ações num novo rumo que o grupo defende, rumo que ainda precisa ser explicitado pelo grupo, uma vez que ele está preocupado, por enquanto em “destruir”.

Esta posição está estabelecida na fala do presidente em Washington, no dia 17/03/2019: “Nós temos é que desconstruir muita coisa. Desfazer muita coisa. Para depois nós começarmos a fazer. Que eu sirva para que, pelo menos, eu possa ser um ponto de inflexão, já estou muito feliz” e completou: “O nosso Brasil caminhava para o socialismo, para o comunismo” (METROPOLES, 2019).

Fiel a este propósito, iniciou-se no campo educacional, além da disseminação de meias verdades e mentiras, a apresentação de propostas que procuram implementar a “desconstrução” sugerida na fala em Washington.

O “fantasma” ideológico de esquerda, para o grupo, domina o país desde a posse de José Sarney e isto implica, portanto, que a Constituição Federal de 1988 (CF-1988) está impregnada por este “espectro” e, portanto, deve ser “desconstruída”. A simples observação das declarações do candidato vencedor das eleições em 2018, ao longo de sua vida pública, e as ações explicitadas ao longo do curto período de 15 meses do governo não deixam dúvidas sobre essa intenção.

A CF-1988 possui diversos artigos que são uma confrontação direta ao pensamento do grupo e, por isso, precisa ser “desconstruída”: 1) o artigo 3º Da CF 1988 afirma que “Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: i) construir uma sociedade livre, justa e solidária; ii) garantir o desenvolvimento nacional; iii) erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; iv) promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.”; 2) o artigo 5º que é uma cláusula pétrea, e só pode ser alterado por uma nova Constituinte, afirma em alguns de seus incisos: - ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante; - a prática de racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei; - constitui crime inafiançável e imprescritível a ação de grupos armados, civis ou militares, contra a ordem constitucional e o Estado Democrático (...).

A autonomia universitária é constitucional e pode-se concluir, portanto, que o grupo que assumiu o poder federal não concorda com a sua formulação e deseja também “desconstruir” os seus termos e as conquistas relativas a diversos aspectos relativos a esta autonomia, dentre elas está a de uma gestão mais democrática.

A Medida Provisória No 914 (MP-914) de 24 de dezembro de 2019 que dispõe sobre o processo de escolha dos dirigentes das Universidades Federais, dos Institutos Federais e do Colégio Pedro II, faz parte desta estratégia governamental e, exatamente sobre os avanços democráticos, tem a intenção de “desconstruir” importantes conquistas dos professores, técnicos-administrativos e estudantes: - o rito para a eleição dos Reitores é implementado pelas entidades representativas das categorias de cada um dos segmentos; - em geral, os pesos na consulta são estabelecidos com paridade entre os três segmentos; - o governo federal tinha estabelecido a tradição de nomear o nome que recebeu o maior número de votos; - assim como para presidente, governadores e prefeitos, é permitida a reeleição dos Reitores; - o Vice-Reitor é eleito também pela comunidade universitária; - cada unidade acadêmica escolhe o seu Diretor em um processo interno e o Reitor nomeia aquele que foi escolhido.

A MP-914 estabelece que: - o rito para eleição será institucional; - os pesos são estabelecidos em 70% para os professores, 15% para os técnicos-administrativos e 15% para os estudantes; - a lista tríplice será montada a partir do resultado do rito eleitoral; - o governo poderá nomear qualquer pessoa da lista tríplice, mesmo que ela tenha obtido, por exemplo, apenas 1% dos votos e o mais bem votado, 80% dos votos; - não há mais reeleição para os Reitores; o Vice-Reitor será escolhido pelo Reitor; - os Diretores das Unidades Acadêmicas serão escolhidos pelo reitor.

A nomeação de uma pessoa que recebeu, por exemplo, 1% dos votos no processo eleitoral implica que esta pessoa concorda com o processo de “desconstrução” e acredita na existência do “fantasma” ideológico visto pelo grupo que assumiu o poder federal e atuará nomeando Vice-Reitor, Pró-Reitores e Diretores de Unidades Acadêmicas que também possuem esta mesma orientação.

A maioria dos professores, técnicos administrativos e estudantes que apoiou uma outra pessoa com 80% dos votos não aceitará esta “intervenção” federal na Universidade e, sempre que possível, rechaçará as iniciativas dos gestores que, obviamente, não possuirão liderança e legitimidade para conduzir as ações acadêmicas

institucionais e isto poderá comprometer o princípio democrático que marca as ações de ensino, pesquisa, extensão e administração das instituições.

As consequências da aprovação e implementação do que está estabelecido nesta MP-914 podem ser, portanto, catastróficas para o ambiente acadêmico das instituições e, por isto mesmo, esta MP tem que ser negada pelo Congresso Nacional.

Referência

METROPOLES. Temos que desconstruir muita coisa, diz Bolsonaro sobre o Brasil, 18/03/2019. Disponível em: <metropolis.com/mundo/politica-int/temos-que-desconstruir-muita-coisa-diz-bolsonaro-sobre-brasil>. Acesso em: 14 de abr. de 2020.

*Nelson Cardoso Amaral é professor aposentado do Instituto de Física; Professor do PPGE da Faculdade de Educação da UFG e Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP).

“ A maioria dos professores, técnicos administrativos e estudantes que apoiou uma outra pessoa com 80% dos votos não aceitará esta “intervenção” federal na Universidade.

RESPINGOS

Notícias do movimento docente, da vida na UFG e de questões jurídicas sobre o magistério superior

Por Daniel Christino

ENEM

O parecer aprovado do Conselho Nacional de Educação sugeriu, embora sem dizer explicitamente, que o MEC mude as datas do Enem, considerando a interrupção de aulas determinadas pelas redes de ensino por causa da pandemia de coronavírus. O conselho também aprovou diretrizes para que as escolas reorganizem seus calendários após a crise. O órgão deixou a cargo das redes a definição de calendário de aulas, reforçando a autorização para atividades a distância na educação básica.

Teimosia

A manutenção do Enem por parte de Jair Bolsonaro nas datas previstas antes da pandemia provocou atritos com secretários de Educação em todo o país. O ministro da Educação, Abraham Weintraub, insiste em manter o exame e tem atacado quem tem posição contrária.

Presencial

O conselho permite a reposição presencial, mas delibera que é muito difícil devido ao longo período de interrupção e que voltar, como se nada tivesse acontecido, pode comprometer o calendário letivo de 2021 e até de 2022.

Excepcional

O CNE leva em consideração a anormalidade da situação e indica que as secretarias e escolas particulares tenham formas de registros de participação de estudantes. Também pede que haja avaliações não presenciais durante a situação de emergência ou presencial após o fim da suspensão.

Crédito

Foi creditado na conta do Adufg cerca de R\$ 78 mil referente às sobras da cooperativa Sicoob, resultado de ter transferido a maior parte das suas operações financeiras para a cooperativa.

Máscaras

O Adufg já recebeu e vai distribuir 15 mil máscaras produzidas na UFG em um projeto em parceria entre a FAV e a FEN. Com base em trabalho voluntário e coordenado por professores com o apoio do Adufg e de outras instituições, o projeto espera produzir 200 mil máscaras. O sindicato contribuiu com R\$ 20 mil para a produção das máscaras que estão sendo distribuídas entre os docentes da UFG, UFJ e UFCAT, que atuam na linha de frente do combate à covid-19.

“E daí?”

O presidente soltou uma metralhadora de disparates nos últimos dois meses, mas nenhuma foi mais chocante que a feita à jornalistas que cobraram dele, no final de abril, ações em relação à propagação do coronavírus que, no dia 28, bateu a marca de 5.017 mortos no país. “E daí?”, questionou e disse que é “Messias mas não faço milagre”.

Formação

O Laboratório de Análises Clínicas e Ensino em Saúde (Laces), do ICB/UFG, capacitou a primeira turma de voluntários que vão atuar

na realização de testes moleculares para o do coronavírus. O treinamento é feito com turmas de 12 pessoas para evitar aglomerações, visando formar uma turma por semana e um total de 100 voluntários.

China

Aparentemente incapaz de ficar calado até quando não é chamado, o ministro da Educação, Abraham Weintraub, pode ter que pagar língua: o ministro Celso de Mello, do Supremo Tribunal Federal (STF), atendeu a um pedido da Procuradoria Geral da República (PGR) e determinou a abertura de inquérito para apurar suposto crime de racismo.

Twitter

No início de abril, Weintraub insinuou pelo Twitter que a China poderia se beneficiar, de propósito, da crise mundial causada

EAD

A UFG suspendeu o calendário acadêmico por tempo indeterminado e ainda não há perspectivas claras sobre a viabilidade e implementação de ensino à distância em larga escala para a graduação. Entre as dificuldades apresentadas está o fato de que a grande maioria dos estudantes da universidade é de baixa renda, não possuem computador e têm baixo acesso à internet. Atualmente, a reitoria trabalha com uma comissão que avalia de que modo implementar o sistema.

pelo coronavírus. Depois, apagou o texto. Esta foi apenas uma da série de provocações feitas pelo ministro e por este governo feitas gratuitamente e sem nenhuma base na realidade ao país asiático.

Balbúrdia

Um respirador desenvolvido por pesquisadores da USP deve começar a realizar testes com humanos. O aparelho fica pronto em dois dias e é 15 vezes mais barato do que os disponíveis no mercado. Os testes têm coordenação do professor José Otávio Auler Junior, da Faculdade de Medicina e o respirador foi desenvolvido por uma equipe liderada pelo professor Raul González Lima, da Escola Politécnica.

Prêmio

Estão abertas as inscrições Prêmio de Popularização da Ciência da Secretaria Regional da SBPC/GO, edição 2020. Serão selecionados quatro trabalhos por área de conhecimento. As inscrições podem ser realizadas até 24 de julho, pelo e-mail: sbpcgopremio2020@gmail.com. Para mais informações, acesse: <https://www.sbpagoias.org/educacao-2020>.

Nomeação

O ministro Abraham Weintraub não nomeou o candidato eleito pela comunidade estudantil do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) por uma denúncia feita pelo Movimento Brasil Livre (MBL) após um evento na instituição em que foram vendidos produtos com a expressão “Lula livre”.

Maioria

José Arnóbio de Araújo Filho, que era diretor do campus de Natal, obteve a maioria dos votos em eleição feita em dezembro do ano passado. No entanto, o ministro publicou portaria em que designou Josué de Oliveira Moreira, servidor da instituição, como reitor temporário. Em nota, o Ministério da Educação (MEC) disse que, como Araújo Filho é alvo de um processo administrativo disciplinar, e que para “observar o princípio da razoabilidade até que o caso seja definitivamente resolvido” foi designado um reitor temporário para a instituição.

Arrecadação

O Projeto Alimentos em Ação, parceria do Programa de Educação Tutorial (PET EngAli) e do Programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia de Alimentos (PPGCTA) da UFG, arrecadou e doou alimentos e outros produtos para 80 famílias da Comunidade Recantinho, no Setor Recanto das Minas Gerais, em Goiânia.

PPPQ

O curso de Publicidade e Propaganda criou uma campanha para mobilizar a sociedade no combate a Covid-19. O Projeto Pê Pê Pra Quê nasceu “nesse contexto de pandemia mundial, pensando em trazer artigos de opinião, hangouts, além de uma curadoria de materiais complementares que ajudem a refletir sobre o papel da publicidade nesse momento em que estamos vivendo.” Professores e alunos estão produzindo conteúdo para o blog do projeto. Acesse! <https://pepepraque.wordpress.com>.

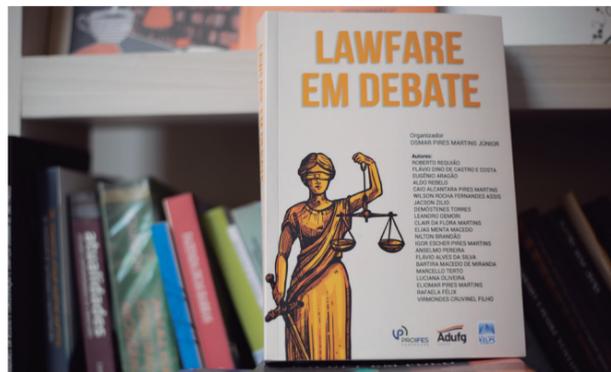
Fotos: Diogo Fleury



Esse é o Tupã, cachorro do professor Lázaro e que acompanhou de perto nossa entrevista para a trajetória desta edição. A cara de mau é só engano: na realidade ele é bonzinho.



Uma voluntária trabalha na FAV produzindo máscaras. A iniciativa espera produzir 200 mil máscaras para atender a sociedade durante a crise.



Detalhe do livro Lawfare em Debate, fruto do evento realizado pelo Adufg-Sindicato no ano passado e que reuniu dezenas de especialistas jurídicos. O livro contém todas as palestras do evento e vai passar por um lançamento digital em breve.

Adufg realiza Semana do Trabalhador destacando o importante papel dos servidores públicos

Impedido de realizar manifestações de rua por causa da pandemia, sindicato levou seu protesto para as redes sociais

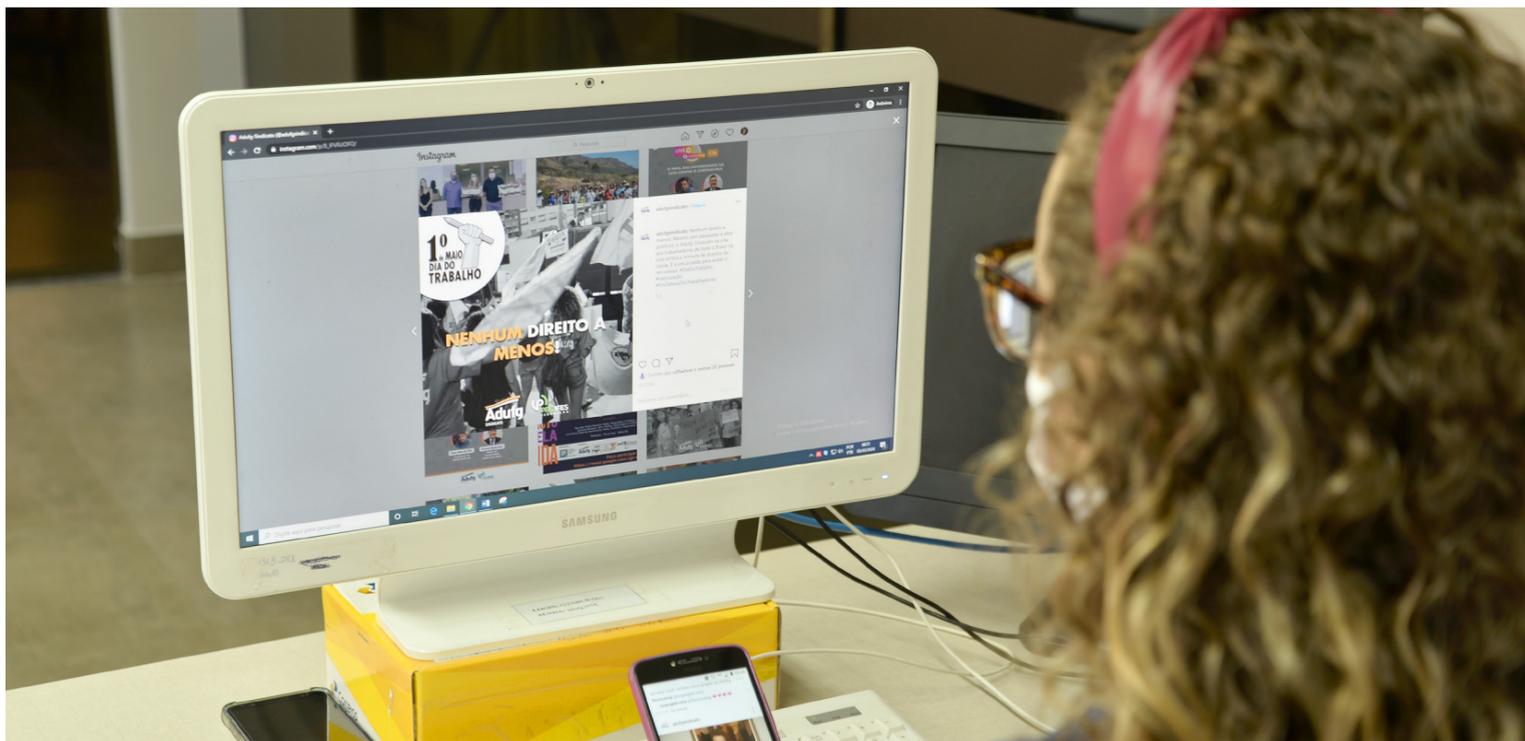


Foto: Jean Souza

Em ação conjunta com a Proifes-Federação e outras entidades, sindicato marcou presença online pela valorização dos trabalhadores

Por causa da pandemia do novo coronavírus, não foi possível realizar manifestações de rua celebrando e chamando atenção para o Dia do Trabalhador (1º de maio). Isto não impediu, porém, o Adufg-Sindicato, a Proifes-Federação e outras centrais sindicais e movimentos sociais de se manifestar em prol dos direitos dos trabalhadores. Especialmente agora em que, em meio à crise econômica gerada pela Covid-19, o Governo Federal parece se debruçar com mais afinco em medidas para retirar e limitar direitos de todos os trabalhadores e especialmente do servidor público.

Com isto em mente, o movimento sindical optou por fazer um protesto digital, ocupando de forma online as redes sociais com imagens, vídeos e informativos sobre os direitos do trabalhador, além de denúncias contra o governo e homenagens aos profissionais que estão se arriscando em meio à pandemia. Foi a mesma estratégia adotada no dia 18 de março, na Greve Geral em Defesa dos Direitos e dos Serviços Públicos, exatamente na semana em que a doença começou a se espalhar pelo Brasil. Desta forma, o Adufg-Sindicato promoveu

a Semana do Trabalhador, com vídeos, informes e outras postagens online em suas redes entre os dias 27 de abril e o 1º de maio.

“Não podíamos deixar de aproveitar essa data para destacar o papel crucial dos trabalhadores, ainda mais em meio à esta pandemia”, disse o presidente do Adufg-Sindicato, professor Flávio Alves da Silva. Para ele, é especialmente o momento para “sair em defesa dos trabalhadores que estão esquecidos e sob ataque do Governo Federal. Precisamos chamar atenção para o fato de que profissionais de saúde, garis e muitas outras categorias continuam trabalhando normalmente e colocando suas vidas em risco”, diz.

O sindicato aproveitou a ocasião para prestar homenagem ao trabalho dos docentes e servidores públicos que têm atuado na linha de frente do combate ao coronavírus, “inclusive dentro de laboratórios, em um esforço contínuo, mesmo frente a um governo que insiste em diminuir sua importância”, concluiu Flávio.

Para o diretor administrativo do Adufg-Sindicato, professor João Batista de Deus, o Governo Federal tira vantagem do momento de cri-

se para retirar direitos. “Apesar das limitações e da ansiedade do momento, não podemos tirar os olhos da luta. Não podemos desanimar neste momento em que os trabalhadores de todas as categorias estão arriscando suas vidas. É um esforço coletivo. A luta pela valorização é de todos nós”, defende.

Segundo o professor, “nunca esteve tão evidente o papel fundamental do trabalhador para garantir o funcionamento pleno da sociedade”. Ele ressalta que este trabalhador é supostamente um cidadão “mas onde estão seus direitos?”, questiona.

Em relação aos servidores públicos, os diretores destacam principalmente a intenção do Governo Federal de não apenas insistir, mas mesmo acelerar a tramitação das PECs 186, 187 e 188, podendo congelar e cortar salários dos servidores em meio à uma crise econômica e de saúde pública. “Eles agem na surdina, com a justificativa de que precisam fazer cortes, mesmo com os servidores públicos, especialmente os de saúde, segurança e docentes, atuando na linha de frente do combate à pandemia”, critica João Batista de Deus. “Este governo parece mais preocu-

pado em cortar e em seguir punindo seus opositores do que agir em prol e em defesa da população para quem governa”, critica Flávio, “a justificativa do ministro da Economia, Paulo Guedes, é de que é preciso obter recursos para enfrentar a queda na arrecadação. Não dá para entender qual o critério do ministro para escolher o funcionalismo para pagar a conta da crise”.

Flávio salienta que, enquanto servidores e trabalhadores operam para diminuir o sofrimento da população, o Governo Federal opera no caminho contrário. Ele cita como exemplo as políticas de países em todo o mundo que “ao contrário do Brasil, têm anunciado políticas para garantir renda e dignidade para os trabalhadores”. O professor lembrou também a nova previdência que aumentou a alíquota de contribuição dos trabalhadores, mas que este governo não assume outras estratégias para arrecadar, como, por exemplo, taxar grandes fortunas.

“A corda sempre rompe para as camadas mais vulneráveis, ao passo que os grandes empresários são beneficiados”, critica. “Neste 1º de maio, buscamos lembrá-los de que eles não governam para si mesmos, mas para o povo”.

Drive Thru da vacinação imuniza 500 professores e dependentes

Campanha foi realizada pelo Adufg-Sindicato nos dias 23 e 24 de abril com segurança e agilidade sem que os professores tivessem que sair dos seus carros

Luciana Porto

Dados do Ministério da Saúde apontam que a vacinação contra a gripe pode reduzir entre 32% e 45% o número de hospitalizações por pneumonias, de 39% a 75% a mortalidade global e em, aproximadamente, 50% as doenças relacionadas à influenza. Em tempos de disseminação e pandemia de um novo vírus de gripe, a importância da vacina é ainda maior, já que facilita o diagnóstico correto pelos profissionais de saúde e não

sobrecarrega o sistema de saúde.

Pensando nisso, o Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás (Adufg-Sindicato) promoveu a campanha de vacinação contra a gripe H1N1 (Influenza) para os professores filiados e seus dependentes. Cerca de 500 pessoas receberam a imunização, que aconteceu em formato de drive thru para promover segurança e agilidade durante o processo, evitando aglomerações e redu-

zindo as chances de transmissão do novo coronavírus. A ação foi realizada no estacionamento da sede administrativa do Adufg, localizado no Setor Leste Vila Nova, em Goiânia.

Quem participou da campanha aprovou o formato. A docente Eliane Carolina de Oliveira, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (FL-UFG) disse que “a iniciativa foi prática e que forneceu segurança para todos”. Também no sentido de evitar aglomerações,

todos os professores agendaram a vacinação previamente, o que agradou o professor John Edward Neira Villena, da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da UFG. “É um formato muito mais seguro”, avaliou. Para o professor Fabiano de Andrade, do Instituto de Química, a ação proporcionou comodidade. “O sindicato é de fácil acesso, há segurança, além do desconto para o sindicalizado”, elogiou.

Fotos: Diogo Fleury



Em campanha de dois dias, docentes elogiaram serviço e organização da entidade durante imunização

Universidades goianas se destacam no combate ao coronavírus

Apesar dos ataques do Governo Federal, falta de estrutura e recursos escassos, instituições de ensino saem à frente na crise mundial e revelam o seu papel fundamental na transformação da comunidade e na produção científica do País

Foto: Divulgação



Universidade Federal de Goiás entrega mil protetores faciais para o Hospital das Clínicas

Luciana Porto

No ano passado, as universidades federais sofreram ataques constantes do Governo Federal, desde os cortes dos recursos básicos como o orçamento para despesas com água, luz, terceirizados, obras e equipamentos até a suspensão e cancelamento de bolsas de pesquisa. Não obstante, essas instituições de ensino ainda se dispuseram a responder ofensas e desmentir as inverdades ditas, quase que diariamente, pelo Ministério da Educação e o seu mandatário, Abraham Weintraub. Estímulo que levou milhares de pessoas às ruas diversas vezes desde o início da gestão do presidente Jair Bolsonaro e seus auxiliares na luta por mais respeito, valorização da educação e reconhecimento da ciência e da importância das universidades.

Mesmo calejadas, mais uma vez as instituições federais de todo o País saem à frente e

comprovam que a educação e a ciência caminham juntas, tornando-se vedetes no combate à pandemia do novo coronavírus. Em Goiás, o cenário não é diferente. Formada pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal de Catalão (UFCAT) e a Universidade Federal de Jataí (UFJ), uma ampla frente de trabalho tem atuado em áreas que vão desde a pesquisa para desenvolvimento de testes para diagnóstico da Covid-19 até o acolhimento social da comunidade não apenas acadêmica, mas também a população.

Nesta reportagem especial, o Jornal do Professor conversou com reitores e vice-reitores das instituições federais goianas que elencaram as suas prioridades durante o período de crise e destacaram a suas contribuições na luta contra a doença que já vitimou fatalmente

milhares de pessoas em todos os continentes.

UFG

“Uma edição do Jornal do Professor é pouco para sequer enumerar as ações”, iniciou o reitor Edward Madureira. De acordo com o docente, pelo menos mil pessoas trabalham na universidade promovendo o enfrentamento à Covid-19. Em seu primeiro relato, Madureira contou sobre a recuperação de respiradores que são utilizados nas Unidades de Terapia Intensiva pela Escola de engenharia elétrica, mecânica e computação. Os equipamentos são fundamentais no tratamento dos casos mais avançados da doença causada pelo coronavírus. Pelo menos 80 equipamentos que estavam encostados nos hospitais, tanto da rede pública quanto da rede privada do estado de Goiás, poderão retornar ao uso. “Esse projeto é uma parceria com o SENAI, Instituto Federal e de várias unidades acadêmi-

cas da UFG. Com esse trabalho em conjunto, temos uma perspectiva muito concreta de que bem mais da metade desses respiradores serão colocados em condição de utilização.”

Além da recuperação de respiradores, o reitor mencionou uma ampla frente de atuação da universidade no desenvolvimento e produção de novos modelos do equipamento. Ele comenta que a concepção do protótipo foi pensada com componentes que estão disponíveis no mercado, já que modelos tradicionais e convencionais do aparelho estão saturados no mercado em função da pandemia. Segundo ele, mais do que pensar na solução técnica é necessário pensar na solução de produção dos materiais. “Nós temos um respirador que está sendo apresentado pela segunda vez para médicos intensivistas, e um protótipo que já pode ser testado em animais para validação e em seguida em seres humanos”, revela Madureira.

UFJ

Mesmo em processo de emancipação da UFG, a Universidade Federal de Jataí (UFJ) tem se destacado no combate ao novo vírus. De acordo com Giulena Rosa Leite, vice-reitora da instituição, mais de 35 ações foram registradas entre pesquisas e projetos de extensões voltadas para a comunidade da região sudoeste de Goiás. De início, a professora citou dois grandes eixos de amparo coletivo executados com o auxílio dos servidores da instituição, sendo um voltado para os alunos que necessitam de mais apoio e outro direcionado aos colaboradores terceirizados. “A comunidade abraçou de uma forma tão grande que nós distribuimos mais de 300 mil cestas básicas, todas doadas por servidores”, conta.

Ação que ganhou destaque em diversos veículos de comunicação, o atendimento psicológico de profissionais da saúde é um dos principais projetos desenvolvidos pela UFJ. Giulena comenta que a iniciativa tem como objetivo o acolhimento das angústias e sofrimentos dos profissionais de saúde que estão na linha de frente de prevenção e controle ao surto da Covid-19 e que, na maioria das vezes, se sentem sozinhos e desamparados ou mesmo impotentes diante dos desafios que diariamente se impõe a eles. “O atendimento é realizado pelo curso de Psicologia e é feito totalmente online”, pontua.

Em outras frentes, a UFJ também se destaca na produção de antissépticos para higienização das mãos que são direcionados para profissio-

nais que trabalham nas ruas e não têm condições de lavar as mãos com frequência, como os taxistas, agentes dos correios, bombeiros, policiais e profissionais do Samu. “Nós podemos citar ainda o nosso *call center* para responder perguntas e respostas sobre o corona, que ajuda a Secretária Municipal de Saúde. Temos o projeto de vídeos em libras para disseminar informações entre a comunidade surda sobre a Covid-19. Enfim, são várias ações. Gostaria muito de citar todas, mas sei que o espaço é pequeno para tantos projetos importantes”, concluiu.

UFCAT

Ao receber a notícia sobre o isolamento social e a suspensão das atividades, a primeira preocupação da UFCAT foi com os alunos mais vulneráveis, segundo a reitora da instituição Roselma Lucchese. Ela conta que muitos alunos dependiam da alimentação fornecida pelo Restaurante Universitário, que em tempos de quarentena passou a oferecer o serviço *delivery* para àqueles que precisam até que fosse disponibilizada uma bolsa emergencial para garantir, pelo menos, a alimentação dos alunos.

Ao mesmo tempo, a universidade também se dispôs a ajudar os profissionais que estão na linha de frente do combate à pandemia com o fornecimento de Equipamentos de Proteção Individual, como máscaras de todos os tipos e protetores faciais, não apenas para unidades de saúde da cidade, mas também para municípios vizinhos, como Goiandira, Pires do Rio, Três Ranchos e Ipameri.

“Nós não negamos para nenhuma cidade da região da estrada de ferro, porque a ideia é auxiliar o maior número de pessoas. Esses materiais foram confeccionados em parcerias com outras instituições, principalmente com Sesi, Senai, o Rotary Club, a UNA, que é uma universidade privada aqui da cidade, e o colégio militar e o Instituto João Margon Vaz”, disse.

Assim como a UFG, em Catalão a universidade também tem atuado na produção de respiradores mecânicos para garantir reforço às unidades de saúde locais e também há em fase de implantação outro projeto que deve ajudar no diagnóstico do coronavírus, o exame de RCP. “É um exame que tem sido de grande dificuldade para o prefeito. Então alocamos ele aqui nos nossos laboratórios para que a gente possa fazer os exames aqui mesmo. Uma das professoras de Ciências Biológicas é expert no aparelho e poderemos ajudar ainda mais o município nesse processo”, comemora a reitora Roselma.

Contra a maré

Apesar da tendência global em digitalizar a educação com o Ensino à Distância, as universidades federais goianas ainda não estão preparadas para a abordagem. O isolamento social em função da pandemia demonstrou que as instituições ainda precisam avançar nesse tipo de metodologia de ensino. Questionados, os três entrevistados falaram sobre o EaD como um projeto futuro.

De acordo o reitor da UFG, a universidade implantou um Grupo de Trabalho que busca soluções para que o calendário de ensino não seja tão prejudi-

cado durante a crise. Ele explica que pelo menos 30 pessoas estão atuando em diversas frentes para entender a problemática. “A gente considera que isso não é adequado, não é isonômico continuar as aulas à distância, então por isso mesmo a gente resolveu aprofundar neste assunto. Uma mudança nesse sentido não é trivial, uma coisa é um curso ser concebido a distância e você dar continuidade a ele, outra coisa é um curso que foi planejado presencial tanto com relação ao conteúdo, ao trabalho docente, a aquilo que o aluno tem disponível, você fazer uma transição no meio do processo”, criticou Madureira.

Em Jataí, Giulena afirma que a medida também está em estudo, porém não deve ser implantada de imediato já que a instituição possui muitos alunos em situação de vulnerabilidade social que não possuem acesso à Internet ou a equipamentos digitais, como notebook. “Nós temos consciência que podemos fazer o EAD, mas ainda estamos iniciando um GT que vai fazer esse diagnóstico mais precisamente.”

A desigualdade também foi apontada pela reitora da UFCAT. Roselma ressaltou que a universidade foi criada recentemente e ainda não dispõe de infraestrutura adequada para oferecer um EaD. “A precariedade de sistematizar o EaD na UFCAT é muito grande. Não temos como garantir uma EAD com qualidade, os PPCs não foram pensados dessa forma. Não temos tecnologia suficiente que dê conta para todos os cursos, todas as disciplinas e todos os alunos. A grande parte dos nossos alunos são vulneráveis. Eles não têm aparelho de qualidade ou não tem internet de qualidade”, pontuou.

Fotos: Divulgação



Universidade Federal de Jataí produz EPIs para profissionais da linha de frente no combate à pandemia



Universidade Federal de Catalão entregou protetores faciais para ajudar profissionais e unidades de saúde do município e cidades vizinhas

UFJ e UFCAT: futuro em construção

Conversamos com os reitores pro-tempore das duas novas universidades federais do Estado sobre os desafios destas instituições no interior



Os reitores pro-tempore Américo e Roselma pesam a responsabilidade de implementar as novas universidades federais em Goiás

José Abrão

A Universidade Federal de Jataí (UFJ) e a Universidade Federal de Catalão (UFCAT) são novas universidades, até certo ponto, apenas no papel: ambas foram criadas a partir das regionais da UFG mas, principalmente, foram alicerçadas no trabalho duro de centenas de professores, pesquisadores, servidores técnico-administrativos e de estudantes. Ambas trilham o caminho de se tornarem inteiramente independentes. Este processo naturalmente implica em algumas dores de crescimento, muita burocracia e tempo. Em entrevista ao *Jornal do Professor*, os reitores pro-tempore Roselma Lucchese (UFCAT) e Américo Nunes da Silveira Neto (UFJ) se mostraram confiantes do sucesso da empreitada.

“A emancipação da universidade foi uma luta de 39 anos feita por várias mãos e a gente é muito grato a essas pessoas. O pessoal da comunidade participou disso, os gestores públicos e as entidades de classe”, relembra o professor Américo. Para ele, a sensação é de que, apesar do avanço lento e de muitas dificuldades, tudo o que foi feito até agora foi executado com esmero.

Segundo os professores, são realizadas reuniões periódicas entre as novas universidades e a UFG, onde a maior parte das questões operacionais ainda são geridas, como por exemplo a emissão de diplomas.

No momento, ambas lidam com problemas para nomear suas

equipes de gestão e planejam como executar o que foi previsto na Lei Orçamentária. “A grande preocupação é com relação a expectativa de cumprir o que está na Lei Orçamentária. Nós estivemos no MEC e depois estivemos no Ministério da Economia, ao longo do ano vão ocorrer diversas tratativas para desenvolver parte desses aspectos para realmente acontecer o que foi sonhado”, diz Américo.

Outra dificuldade é a forma com que os recursos federais estão sendo liberados este ano: em partes. “Então neste momento não podemos contar com o planejamento usando 100% do nosso orçamento”, explica Roselma.

Em relação ao Governo Federal, há uma preocupação grande com a precarização do trabalho do docente e do sistema operacional da universidade. “Até o momento nós não temos uma previsão de quando teremos liberados estes cargos e funções dos técnicos a contento”, disse a professora. Hoje as tratativas estão mais focadas no Ministério da Economia, que é quem vai liberar o que está previsto no planejamento de execução do próprio MEC. “Essa relação está mais lenta neste momento, estamos atentos, demandando sistematicamente reuniões no MEC, para que a gente prossiga no processo”, conclui.

Américo relata algo próximo, porém salienta: “sou muito otimista, acho que a gente tem que ter a capacidade de diálogo, a gente tem uma equipe muito boa, temos con-

tatos para a gente fazer, contatos dentro do Congresso para nos ajudar desatar algumas coisas”.

Américo afirma que o relacionamento com o MEC é bom, a maior dificuldade acaba sendo a própria dança das cadeiras dentro do ministério, como a saída recente do secretário de Educação Superior, Arnaldo Lima, e a posse do novo secretário, Wagner Vilas Boas de Souza.

Os professores se dizem muito orgulhosos de estar à frente destes projetos que consideram de imenso significado estratégico não apenas para Goiás, já que se encontram em locais estratégicos e no interior do Estado. “O país ganha muito com isso, com grande potencial para o desenvolvimento social, econômico, tecnológico e cultural”, afirma a professora Roselma.

Américo lembra que a UFJ já nasce grande, pois era o maior campus do interior. “Isso tem que servir de motivação para a gente crescer ainda mais. As perspectivas são boas, apesar desse contexto do momento de contingenciamento de gastos, não ter investimentos. Nós não podemos deixar de sonhar”. Entre os planos está a implementação de novos cursos de graduação e ampliação da pós-graduação.

Roselma concorda. “Temos essa missão, primeiro, de continuar este trabalho que a UFG começou lá atrás, articulado muito com o município, que começa com a formação de professores,

continua e agora dá um salto enorme para a inovação tecnológica e para a área da saúde. Esse é o papel da universidade”, promete.

Ela salienta o Adufg-Sindicato nesta empreitada. “O papel do sindicato é fundamental. O sindicato corrobora no sentido das garantias do direito do trabalhador, do processo de trabalho e da melhoria da qualidade de vida da comunidade universitária”.

O mesmo vale para Américo: “a gente quer ouvir o sindicato, a gente ouve toda a comunidade e você tem que buscar as representatividades”. O professor acredita que para os gestores a entidade tem um papel de “sinalizador”, em que se deve observar e ouvir. “São questões de interesse da gente como servidor e que cabe ao papel do sindicato fazer isso. Nós estamos aqui para trabalhar em perfeita harmonia com todas as pessoas, toda estrutura da universidade e com o sindicato que nos representa”.

Assim as antigas regionais traçam seu próprio caminho. Ambos os professores expressam gratidão e carinho para com a tutora. Roselma resume: “não podemos esquecer que a UFG é nossa mãe, nunca deixaremos de ser UFG. Eu particularmente não encontro uma cisão tão forte, porque o que a UFG é hoje, nós também trabalhamos para construí-la. Temos um vínculo que nunca será quebrado”.

“Cortes são contraproducentes em momentos de crise”

Professor Everton Sotto Tibiriçá Rosa destaca que governo não se preparou para resguardar o bem-estar econômico dos servidores nem da população em geral



Foto: Reprodução

Para professor, população deve pressionar seus representantes para evitar perdas

José Abrão

Enquanto a pandemia do novo coronavírus urge, o Governo Federal tem sido duramente criticado não apenas por sua inação frente à crise, mas por não resguardar de forma alguma a economia e por pressionar pela volta à normalidade. Tendo em mente a preservação de vidas, mas também a necessidade de manter a economia girando, a insegurança econômica se soma às preocupações do docente e do cidadão comum. Segundo o professor Everton Sotto Tibiriçá Rosa, da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas (FACE), existem caminhos que a administração pública pode tomar, mas que optou por ignorá-los até agora – e a janela para evitar cenários calamitosos se torna cada vez menor com o passar do tempo.

Uma das possíveis ações a serem adotadas pelo Governo Federal é acelerar a tramitação das PECS 186, 187 e 188, além de tentar passar outras medidas e MPs emergenciais que possam permitir cortes e congelamentos dos salários dos servidores públicos e dos celetistas. “Corte para servidores ou para qualquer pessoa da iniciativa privada é uma medida contraproducente no momento de crise”, disse o professor, primeiro porque é inconstitucional, segundo, “do ponto de vista econômico não faz sentido nenhum,

nós estamos aqui em uma ameaça de queda do produto, da renda, de emprego e o governo está propondo destruir parte da renda das pessoas. Não há justificativa para fazer isso”.

Sem justificativa, o professor vê tais ações como oportunismo. “Querem aproveitar o momento para fazer esse tipo de coisa. Se isso for aceito, nós vamos ficar em uma espiral de corte de salários do funcionalismo que não tem previsão de acabar”.

Everton relembra a EC 95, que criou o teto de gastos, da “lei de ouro”, e de outros cortes e imposições feitas pelo governo em relação ao serviço público no ano passado e critica a atitude da gestão de não ter nenhuma estratégia além disso. “Eles só pensam em fazer austeridade fiscal. Há três anos, a economia não deslança porque esse é o pensamento. Agora, nessa crise, você precisa de medidas robustas para injetar liquidez na economia, ampliar os gastos públicos. A equipe econômica só sabe fazer cortes”, critica.

Ele também critica o discurso do governo de que todos precisam se sacrificar para contribuir com o momento, então por que apenas sacrifícios no salário do trabalhador? “É sempre isso. O problema é que a economia não reativa com sacrifício. A economia não reativa economizando. Isso não entra na cabeça da equipe econômica [do Planalto]”.

Economia de guerra

Segundo o professor, de fato a economia não pode parar; mas cortar e obrigar o retorno das atividades não são a solução. “Deveríamos adotar uma economia de guerra, que é elencar quais setores são essenciais, garantir que o abastecimento para a população vai acontecer, manter a população no isolamento”, explica, salientando que governadores até estão tentando, mas que não há como fazer isso sem a dianteira do Governo Federal. “O Governo Federal, junto com o Congresso, deveria tomar as medidas para um esforço de guerra. Não estão fazendo e não há perspectiva que vão adotar. É gravíssima a situação”.

Para ele, o que o governo fez até agora é muito pouco, além de ser paliativo e não estão funcionando. “Não estamos operando de forma capitalista normal. Isso está interrompido. O governo precisa dar sustentação aos empresários, mas não é emprestando dinheiro, é planejando que setor continua, é garantindo faturamento”.

Sem estas medidas, “os governadores são pressionados porque como não há direção do governo federal, o que as pessoas querem é tentar voltar à vida normal. Agora que devia ter o cuidado redobrado de manter as ações de isolamento, o pessoal está flexibilizando”. Mas a culpa não recai apenas no Governo Federal nem nos governadores que

retomam as atividades. Everton é incisivo ao criticar o Congresso e demais esferas do poder que reclamam muito nas redes sociais, mas pouco agem em prol de uma solução. “Nota de repúdio [do Congresso] não resolve mais o nosso problema político. Isso vai criando um ambiente de que quem está seguindo o que é o correto para a pandemia vai acabar sendo crucificado em praça pública”, comenta.

Tal inação pode levar à concretização do pior cenário possível que, para o servidor público e para a população, é “que suas garantias constitucionais sejam destruídas. A perda de segurança econômica, perda de qualidade de vida, perda dos serviços públicos. Esse é o pior cenário”.

Para evitar este colapso total das instituições e mesmo da economia, Everton vê com importância a ação sindical e popular para pressionar o Congresso Nacional e os gestores públicos. “Esse é o momento que professores e as outras categorias têm que pressionar, têm que utilizar os seus órgãos de representação e pressionar os congressistas. O caminho que existe é pressionar deputados e senadores para não se aprovar pautas regressivas e para se aprovar pautas que são necessárias para a gente conduzir essa economia sem perder direitos”, afirma.

CEIA: projeto do INF está de olho no futuro

Centro de excelência focado em projetos relacionados à Inteligência Artificial será vanguarda no ensino superior brasileiro

José Abrão

Em dezembro de 2019, o Instituto de Informática (INF) lançou um novo projeto que deve gerar grande impacto na pesquisa e inovação tecnológica do Estado. O Centro de Excelência em Inteligência Artificial (CEIA) que, apoiado pelo Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg), visa estabelecer e consolidar a liderança da UFG e do Estado de Goiás no tema de IA. Neste aspecto, a UFG já havia saído na frente com a criação da graduação em Inteligência Artificial, tema de reportagem na edição 61 (outubro de 2019) do *Jornal do Professor*: “Isto tem atraído os olhos de diversas instituições, de diversas naturezas. O CEIA vem para institucionalizar e organizar para que possamos aproveitar este momento e trazer ganhos de prestígio e de reconhecimento para a UFG e para Goiás”, afirma o professor Anderson Soares, coordenador do projeto.

Inicialmente, o CEIA é um projeto de cinco anos, executado pela universidade e que visa estabelecer este grande laboratório com foco, inclusive, de projeção internacional. Já são cerca de 50 pessoas envolvidas entre professores e alunos e que deve engajar todas as esferas: graduação, pós-graduação e extensão. “O grande objetivo é fazer com que o aluno tenha uma carreira de sucesso. Acho que uma escola precisa ser medida com o sucesso do aluno que passa por ela”, disse Anderson. “Temos um foco muito grande em impulsionar a carreira do aluno para que tenha toda a preparação possível para ser um grande líder a partir da experiên-



Foto: Divulgação

Professor Anderson relata que CEIA deve ser primeiro laboratório dedicado ao mesmo tempo à veículos autônomos e 5G

cia profissional que tiver dentro do centro”.

Segundo ele, empresas já estão de olho nos alunos que serão formados nesta primeira turma. “Hoje já temos algumas empresas com escritórios em Goiânia para contratar os alunos da UFG na temática da IA. Foram monta-

dos exclusivamente para absorver este recurso humano e que mostra como a universidade tem cumprido o seu papel de oferecer uma formação profissional que consiga alavancar a carreira dos nossos alunos. São indicadores muito positivos que nos dão confiança de que estamos no caminho certo”, afirma.

O professor defende que, por meio do CEIA, os graduandos poderão lidar com problemas reais e desenvolver soluções viáveis, o tornando maduro para o mercado ao lidar, ainda no bacharelado, com questões concretas. Outro ponto focal é a internacionalização. “Queremos aumentar nossa percepção internacional para atrair alunos do exterior para estudar conosco e atuar conosco em projetos seja como pesquisador visitante ou como alunos de mestrado e doutorado e também intercâmbios para a graduação”, planeja. Estes planos já até deviam ter começado se não fosse as restrições impostas por causa da pandemia do coronavírus, mas devem ser retomadas assim que a crise passar.

O CEIA também sai na frente sendo o único projeto do Brasil com dois grandes laboratórios ao mesmo tempo: veículos autônomos elétricos e de Internet das Coisas (IoT) com foco em 5G. Aliás, este é o primeiro laboratório voltado para carros elétricos autônomos no país. “Estes serão os grandes legados de infraestrutura que estas parcerias nos permitirão deixar. Nos permitirá dar uma melhor formação aos alunos e ao mesmo tempo aumentar a nossa percepção externa e capacitação de realizar projetos. “São projetos caros, mas já temos um bom caminho andado para viabilizar isso e estamos na eminência de fechar novos acordos. Estamos bastante confiantes de que isso será realizado na sua integralidade”.



Foto: Divulgação

O governador Ronaldo Caiado, professores e outras autoridades compareceram ao evento de lançamento

Uma década de Travessia e histórias

Em meio ao isolamento social causado pela pandemia do novo coronavírus, Grupo Travessia completa 10 anos e reforça a importância das amizades na terceira idade



Foto registra uma das primeiras viagens do grupo que foi à Europa, em 2011

Luciana Porto

***“Vou seguindo pela vida
Me esquecendo de você
Eu não quero mais a morte
Tenho muito que viver
Vou querer amar de novo
E se não der não vou sofrer
Já não sonho, hoje faço
Com meu braço o meu viver”***

O trecho faz parte da música “Travessia”, de Milton Nascimento, que inspirou o grupo de mesmo nome de professores aposentados do Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás (Adufg). Em maio, o projeto completa 10 anos e coleciona histórias marcantes que transformaram a aposentadoria num estágio de vida ativo para os professores. A começar pela sua criação, encabeçada por Jane Sarques. Ela havia acabado de se aposentar, quando propôs um encontro entre os docentes aposentados para reviver os tempos da ativa, construir novas amizades e fortalecer os laços já existentes. Desde então, essas reuniões se tornaram rotina no cotidiano do Sindicato e na vida dos docentes.

A princípio, o grupo se reunia duas vezes por mês e comemorava os aniversários dos integrantes em bons restaurantes da capital. Depois, a rotina passou a ser de uma reunião para planejamento, um happy-hour mensal e a comemoração dos aniversários, que passou a acontecer no Espa-

ço Cultural, de Lazer e Saúde do Adufg-Sindicato. A primeira viagem do grupo foi para a Chapada dos Veadeiros e Alto Paraíso. A professora Jane conta que a maioria não conhecia a região turística. A caminhada pelas famosas trilhas até as vedetes do Vale da Lua, São Jorge, Rio das Mortes, além de Alto Paraíso renovou as energias dos professores, que retornaram com o plano de viajar mais e mais.

O grupo foi se consolidando. Juntos, os membros foram traçando roteiros para as viagens, sendo sempre no primeiro semestre dentro do Brasil e, no segundo, para o exterior. A primeira viagem internacional do grupo foi para a Europa, em 2011. Os docentes aposentados passaram pela Espanha, Sul da França (Lourdes, Nice), Mônaco, Itália, Paris e Suíça. No ano seguinte, o grupo realizou uma excursão pelos Lagos Andinos, partindo de Santiago, fazendo à barco a travessia dos lagos junto à Cordilheira dos Andes até Bariloche e depois Buenos Aires. Seguindo nos anos posteriores para a Capadócia, Londres, Viena, Budapeste, Bratislava e Braga. Conheceram a cultura, gastronomia, idioma e a história de cada lugar. E ano após ano os aposentados desfrutaram das viagens internacionais e nacionais, comprovando que a vida começa na terceira idade.

Entretanto, mais do que viagens e lazer, o Travessia tam-

bém promoveu cultura e conhecimento. O grupo já realizou nove edições da Exposição de Arte e Artesanato dos Professores Aposentados da Universidade Federal de Goiás (UFG), além do Sarau, Encontro Anual de Aposentados com cursos e workshops voltados para a terceira idade, curso básico de computação, fotografia, desenho e pintura, que segue há quatro anos formando novos artistas e artesãos.

Contemporâneo

Em 2019, Jane deixou a coordenação do grupo e a diretora de Convênios e de Assuntos Jurídicos do Adufg-Sindicato, Ana Christina Kratz assumiu. A fundadora do projeto conta que problemas de saúde e a dificuldade de mobilidade já estavam prejudicando o seu desenvolvimento e dedicação ao Travessia. “Seria muito egoísmo meu continuar na coordenação sabendo que existiam tantas pessoas capacitadas e que poderia desenvolver um bom trabalho. Mas, sem dúvida nenhuma os melhores anos da minha vida foram no Travessia. O meu filho sempre me diz que a melhor coisa que poderia ter acontecido na minha maturidade foi esse projeto”, declara Jane.

Para Ana Christina, o Travessia evoluiu muito desde a sua criação. De acordo com a coordenadora do projeto e diretora do Adufg, mais do que um

grupo de atividades e viagens para aposentados, o Travessia se incorporou ao Sindicato como um coletivo de convivência para os professores que não estão mais na ativa. “Temos relação extremamente saudável entre a gente. Nos reunimos, na maioria da vezes, só para jogar conversa fora. Outro fato muito importante para mencionar é que estamos sempre homenageando outros professores que contribuíram para a construção do nosso Sindicato e também tiveram papéis fundamentais dentro da nossa universidade. É importante reconhecer o quão o outro foi fundamental para a história que vivemos hoje”, acrescenta.

Em tempos de pandemia do novo coronavírus, os encontros do grupo Travessia estão suspensos. Porém, a relação entre os professores aposentados que participam deste projeto se fortalece ainda mais. Ana Christina comenta que a tecnologia, que muitas vezes distancia as pessoas, neste caso está sendo usada para unir os idosos, que encontram bons ouvintes e parceria uns nos outros para superarem juntos o momento difícil. “Apesar de termos pouca participação no grupo de Whatsapp, ainda conseguimos nos comunicar e apoiar os nossos amigos. Mas, estamos pensando numa alternativa que consiga envolver todo mundo, é importante manter a nossa união agora.”

NÃO É SÓ UMA GRIPEZINHA!

CORONA VÍRUS

MITOS & VERDADES

VERDADES



Usar máscara de proteção reduz as chances de infecção.

O vírus pode ser transmitido pelo ar, por meio de secreções e gotículas de saliva.

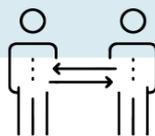


Lavar as mãos com frequência e higienizá-las com álcool em gel 70% ajuda na prevenção da Covid 19.



Fumantes de cigarro, narguilé e outros são mais vulneráveis à Covid-19.

É preciso evitar contato próximo com pessoas que sofrem infecções respiratórias agudas.



MITOS

Vinagre e bicarbonato de sódio eliminam o vírus.



Somente idosos e pessoas com comorbidades podem morrer por causa do novo vírus.

Já existe vacina contra o coronavírus.

Chá de boldo, consumo de alho frito e outras receitas caseiras podem auxiliar no combate ao coronavírus.



Só transmitem o vírus pessoas que já apresentam sintomas.

Para resgatar municípios, Senado congela salários de servidores até o final de 2021

O Senado aprovou por unanimidade o pacote de R\$ 120 bilhões de socorro aos estados e municípios na crise do coronavírus, sendo R\$ 60 bilhões de repasse direto para a caixa de governadores e prefeitos. Mas, para isso, os senadores também aprovaram o congelamento de salários dos servidores públicos municipais, estaduais e federais e dos membros dos três Poderes até dezembro de 2021. Segundo o parecer jurídico do Adufg, há ilegalidades e inconstitucionalidades na lei. Depois, ao passar pela Câmara dos Deputados, o congelamento retirou os servidores

da educação pública da lei e retornou ao Senado. O Adufg-Sindicato enviou ofício aos deputados federais goianos pedindo apoio para alteração do texto para que o projeto ficasse mais claro. O sindicato também defendeu que os professores deveriam ser excepcionados das medidas, uma vez que, assim como os servidores da Saúde e da Segurança Pública, também estão na linha de frente do combate ao vírus. De volta ao Senado, os professores voltaram a ser incluídos novamente, mas ao fim o presidente do Senado, Davi Alcolumbre voltou atrás.



Foto: Agência Senado

Apesar de primeira votação, Senado recuou quanto à inclusão dos docentes

Live debate o papel das Ifes na pandemia

O Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás (Adufg) participou da Live da Campanha IFES x Novo Coronavírus: Avanços e Desafios, organizada pela Proifes-Federação. O encontro digital reuniu especialistas em saúde e dirigentes sindicais para debater sobre as contribuições das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) no combate a esta pandemia da COVID-19 e a outras doenças endêmicas de alta incidência no Brasil. O debate foi mediado pelo Diretor de Promoções Sociais, Culturais e Científicas, Daniel Christino, e contou com a participação da pró-reitora de extensão e cultura da Universidade Federal de Goiás (UFG), Lucilene Maria de Sousa, do diretor presidente do Adufg, Flávio Alves da Silva, e do diretor presidente da Proifes, Nilton Brandão. Lucilene, que é

mestre em ciências da saúde e doutora em saúde pública, falou sobre a atuação da UFG, UFCat e UFJ no combate a Covid-19 e destacou algumas ações, como o desenvolvimento de testes, equipamentos de proteção para os trabalhadores que estão na linha de frente da pandemia, produção de álcool gel, apoio psicológico para profissionais da saúde entre outras ações. O apoio do Adufg-Sindicato às universidades foi destacado pelo presidente Silva, que listou as ações da instituição. “Estamos fazendo a nossa parte para ajudar os professores das unidades acadêmicas para que eles se sintam seguros no combate ao coronavírus”, disse. A live foi transmitida pelo Facebook do PROIFES-Federação e para quem deseja assistir, o vídeo está disponível no canal do Youtube da instituição.

Nota de repúdio contra a ruptura do Estado democrático

A Diretoria do Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás (Adufg) divulgou nota de repúdio contra as declarações do presidente da República, Jair Bolsonaro, durante manifestação em apoio à ruptura democrática no último dia 19. “É inadmissível que um chefe de Estado participe de um protesto que peça a intervenção das forças militares contra os demais poderes da República”, diz parte do texto. O sindicato também criticou a postura do presidente em incentivar aglomerações em meio ao enfrentamento da pandemia de coronavírus. “Se comporta como emissário da morte”, diz outro trecho da nota que pode ser lida na íntegra no site da instituição. No dia seguinte à divulgação da nota, o ministro Alexandre de Moraes, do

Supremo Tribunal Federal, autorizou abertura de inquérito para investigar manifestações realizadas no dia 19 de abril. O objetivo é apurar se houve violação da Lei de Segurança Nacional.

Foto: Revista Época



Jair Bolsonaro usa máscara de forma inadequada em entrevista

Sindicato entrega cestas para costureiras que estão produzindo máscaras

Engajado na luta contra o coronavírus, o Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás (Adufg) doou cestas de alimentos para costureiras que estão atuando na confecção de máscaras de proteção contra o novo vírus. A produção faz parte do Projeto de Equipamentos de Proteção Individual da Universidade Federal de Goiás (EPI-UFG). As costureiras beneficiadas fazem parte da Associação dos Moradores União e Força do Antônio

Calos Pires e Orlando de Moraes. Elas também serão remuneradas. A meta é que as costureiras sejam responsáveis pela produção de pelo menos quatro mil máscaras por dia. Elas serão repassadas para a Organização das Voluntárias de Goiás (OVG), que vai entregá-las para unidades de referência no combate à pandemia, além do Hospital das Clínicas da UFG e unidades acadêmicas que atuam na linha de frente da luta contra o coronavírus.



Foto: Diego Fleury

Colaboradores do Adufg-Sindicato realizam a entrega das cestas

Uma carreira semeando o futuro

Professor Lázaro José Chaves criou o primeiro doutorado da UFG e participou ativamente para a expansão da pós-graduação na universidade

José Abrão

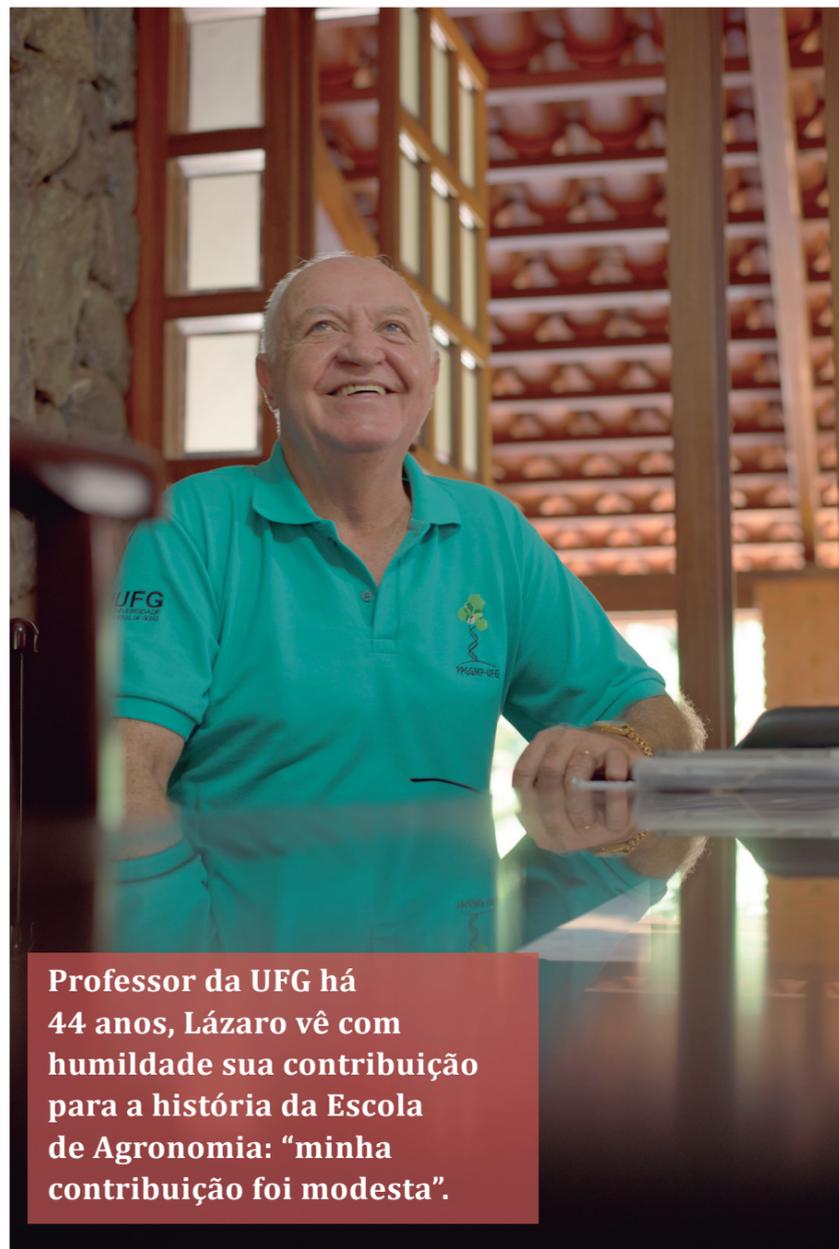
O professor Lázaro José Chaves, da Escola de Agronomia da UFG, traz no seu jeito, na sua fala e nas suas maneiras a humildade que aprendeu de casa, na zona rural de Bambuí (MG). Mais novo de nove irmãos, é filho de agricultores familiares que nunca tiveram a chance de frequentar uma escola. Seus irmãos mais velhos foram alfabetizados na zona rural, mas o ciclo foi rompido por um irmão mais velho que foi estudar na cidade. De casa até a escola eram 12 km a serem cobertos a pé ou a cavalo. Aberto este precedente e com a vontade de ser o mais novo, também foi, continuou estudando para além da alfabetização e ingressou no curso técnico agrícola no colégio agrícola da cidade, hoje um Instituto Federal.

Quando terminou o curso em 1971, já embarcou para Goiás a fim de estudar. Entrou via concurso na Secretaria de Agricultura e passou um ano trabalhando no interior até que pediu para ser transferido para Goiânia por um ótimo motivo: fora aprovado no vestibular de Agronomia da UFG. Trabalhando e estudando, começou o curso na metade de 1972, pouco antes da inauguração do Campus Samambaia, em 1973: “particpei da cerimônia praticamente como calouro”, relembra.

Na época a Escola de Agronomia e de Veterinária eram juntas e ocupavam uma área que fora herdada do Ministério da Agricultura. Embora não tenha sido uma das unidades fundadoras da universidade, foi uma das primeiras a ser criada, em 1963. E ficava muito longe da cidade. “Havia casas nas instalações para funcionários. Muitos deles moravam na escola porque o transporte não era simples, pouquíssimos tinham carro particular. Havia um ônibus da própria universidade que trazia funcionários e professores”, relembra. Elas depois foram sendo desativadas e adaptadas para outras finalidades, mas na época existiam basicamente apenas quatro pequenos prédios em que funcionavam todos os departamentos.

Lázaro se formou em 1976, mesma época em que o ensino na área de ciências agrárias passava por uma expansão. “Foi uma ação estratégica do governo que criou a Embrapa e em que foi reforçado o ensino superior nessa área”, explica, “houve a possibilidade de entrada de professores nessa época e eu entrei, recém formado. Sou professor da UFG desde 1977”.

Mas não parou quieto por mui-



Professor da UFG há 44 anos, Lázaro vê com humildade sua contribuição para a história da Escola de Agronomia: “minha contribuição foi modesta”.

to tempo: pouco depois de seu ingresso já foi para Piracicaba (SP) onde fez o mestrado na Universidade de São Paulo (USP), regressando para lecionar em sua área, genética e melhoramento de plantas, em 1980. Aproveitando o ensejo do tempo que passou fora já fez todos os créditos do doutorado e voltou para escrever a tese, se tornando doutor em 1985.

O trabalho como docente se revelou uma vocação não apenas dele, mas daquele irmão mais velho que também continuou estudando e que é professor até hoje. “Está com 82 anos e continua dando aula!”. Quando se graduou, o natural era que continuasse com o serviço garantido como técnico do Estado, mas a posição de professor falou mais alto. “Era um contrato precário, CLT, via um convênio. E eu preferi! Porque sempre gostei de ensinar”, conta. Quando trabalhava como técnico no interior, deu aulas de Ciências em escolas e, antes, quando rapaz, dava aulas de reforço. “Acho que eu tinha

uma quedazinha...”, brinca.

Também havia sua vontade de trabalhar com pesquisa. No Estado “era um serviço ótimo, mas eu queria trabalhar pela disciplina que fui convidado para lecionar. Sempre gostei muito de genética, desde o Ensino Médio e também na universidade, sempre me chamou muito a atenção”. Entre suas principais realizações está a criação do primeiro mestrado da EA, justamente na área de genética. “Nosso programa começou a funcionar em uma condição precária, mas foi muito acertado a gente ter essa coragem”, avalia.

Sempre teve paixão pela pós. “O que mais gostei de fazer sempre foi pesquisa e orientação. Aula é sempre muito bom, é o trabalho principal do professor, faço questão de dar aula e faço isso com muito prazer”, explica, mas “dá muita satisfação orientar e ver essa quantidade de orientados ocupando posições importantes em diversos campos. Considero essa a

contribuição que mais me realiza. É muito bom ver os ex-alunos tendo sucesso”, revela. Aliás, “meu primeiro orientando no mestrado foi o professor Edward (risos)”, conta, que está no seu terceiro mandato como reitor.

Logo veio uma conquista maior, porém: Lázaro ajudou a criar o primeiro doutorado de toda a UFG, na Agronomia. Foi convidado a ser pró-reitor na gestão do professor Ricardo Freua Bufaiçal entre janeiro de 1990 e janeiro de 1994. “Foi uma experiência muito boa porque conheci a universidade como um todo. Naquela época a universidade tinha oito mestrados. Quando saí, foram criados quatro mestrados e um doutorado. Houve este esforço para tentar incentivar os grupos a criarem programas de pesquisa e pós-graduação”, disse. Um esforço que ao longo dos anos valeu a pena: hoje a EA tem quatro programas de pós-graduação e a UFG tem 65 programas de pós-graduação com 42 doutorados.

Foi uma gestão cheia de desafios. “Entramos em janeiro e em março entrou Fernando Collor de Melo. Ele, em uma canetada, extinguiu a Capes”, conta o professor. Outra conquista da época foi a implementação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) na UFG, uma das primeiras universidades a ter o programa. Ocorreu meio por acaso: em visita ao CNPq, o professor especulou sobre o programa e conheceu a responsável. Ainda era um programa piloto, sem divulgação ou edital, em busca de algumas universidades para testar. “Na hora eu disse: nós queremos”, conta Lázaro, que formou um grupo de improvisado da UFG com a antiga UCG, UFMS e UFU para garantir o teste. Foi aprovado e o Pibic começou na UFG com 60 bolsas. “Quando divulgamos o edital, os alunos foram atrás e com o interesse deles, muitos professores se animaram em fazer pesquisa. Foi uma semente importantíssima. Acho que se os mestrados e doutorados cresceram tanto, isso se deve muito ao sucesso e crescimento da iniciação científica”, afirma.

Passado tudo isso, Lázaro não planeja se aposentar tão cedo e vê com a mesma humildade suas realizações. “Meu papel foi modesto”, garante, “sempre tivemos um grupo muito unido. Se a escola progrediu muito, foi um esforço coletivo, cada um com a sua contribuição”.